

SAIR, VIVER E VOLTAR: O PROCESSO MIGRATÓRIO EM PORTEIRINHA-MG

MARIA CECÍLIA CORDEIRO PIRES
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS – UNIMONTES
mariacecilia1942@hotmail.com

ANDRÉA MARIA NARCISO ROCHA DE PAULA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS – UNIMONTES
andreapirapora@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

O presente trabalho estrutura-se como pesquisa de iniciação científica e projeto de monografia, e está vinculado ao projeto SAIR, FICAR, VOLTAR: um estudo sobre migrações temporárias no sertão Norte-Mineiro¹, compondo o Grupo de Estudos e Pesquisas do São Francisco – OPARÁ. Pretendemos analisar o impacto dos programas de transferência de renda na diminuição ou não das migrações temporárias no município de Porteirinha, e a invisibilidade da migração sazonal perpassando o processo de desenvolvimento imposto à região, bem como, as transformações dos modos de vida dos moradores. Para isso estamos realizando uma pesquisa com abordagem etnográfica dos migrantes temporários de Porteirinha, sobre a hipótese de que o motivo das migrações é que a cidade não incorpora todos os moradores ao setor de serviços, agropecuário ou industrial. Entendendo o processo migratório não só a partir de quem migra, mas também de quem fica e dos mecanismos para manutenção do lugar.

DESENVOLVIMENTO

Porteirinha é um município localizado no Norte do estado de Minas Gerais, que mesmo tendo 76 anos de fundação administrativa, não rompeu com as características rurais. A cidade ainda vive entre o rural e o urbano, e isso é referente ao seu processo histórico de formação, assim como o da região. Porteirinha originou-se a partir de uma pousada de

¹O presente trabalho estrutura-se como pesquisa de iniciação científica e projeto de monografia, compondo o projeto SAIR, FICAR, VOLTAR: um estudo sobre migrações temporárias no sertão Norte-Mineiro/CEPEX 074/2015/UNIMONTES/FAPEMIG. Realizado pelo Grupo de estudos e pesquisas do São Francisco – OPARÁ, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa- UNIMONTES, parecer 158.386.

viajantes as margens do Rio Gorutuba e seus afluentes, Rio Mosquito e Rio Serra Branca.

Os prováveis primeiros habitantes foram os tropeiros Severino dos Santos, José Cândido Teixeira, José Antônio da Silva, João Soares, João de Deus, João Pereira e José Miguel, que aqui chegaram nos primórdios do século XVIII. Vieram à cata de ouro. Cessada a febre do metal, tornaram-se senhores de grandes extensões de terras e escravocratas poderosos. Dedicavam-se à lavoura, empregando os escravos em suas propriedades. (OLIVEIRA, 2008, p. 17-18)

Segundo o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010 Porteirinha tinha uma população de 37 627 pessoas, onde 992 pessoas classificadas como urbanas de 5 anos ou mais de idade não residiam no município em 31 de julho de 2005, percebendo-se a ocorrência de uma mobilidade considerável. Entretanto, esse número na realidade é maior, na medida que o IBGE apenas classifica os moradores que não residem na cidade, perdendo dos seus dados os migrantes temporários, que vivem todo ano a situação de sair e voltar, para empregos não fixos.

As principais atividades econômicas estão ligadas a agropecuária, indústria, e prestação de serviços ofertados pelo poder público (IBGE, 2010). Entre 1964 e 1987, Porteirinha era a maior produtora de algodão do estado, ficando conhecida como a “capital mineira do algodão”, período que foi de ascensão da economia. Porém, a cidade passou por uma seca de cinco anos, que representou uma crise do produto, levando muitos dos agricultores a falência (OLIVEIRA *apud* OLIVEIRA, 2008, p.42), todavia não devemos esquecer que a razão também pode estar ligada as políticas desenvolvimentistas, como os incentivos do Governo Federal na instalação de Complexos Agroindustriais. Após isso, o mercado de trabalho local entrou em colapso e a demanda por emprego se tornou maior que a oferta, e todo esse processo ocasionou no aumento do fluxo migratório.

Esses trabalhadores se dirigem para a colheita de café e algodão, um serviço que segundo eles, *é duro, pesado e desgastante*, mas que é a única alternativa. Dessa forma muitos moradores se lançaram em travessias, muitas vezes longas, assim como relata um morador:

Eu saí pra trabalhar na algodoeira (...) a experiência é que, a gente saía daqui pra caçar um ganho melhor né, porque na região nossa é meio... a gente não ganha dinheiro que dá pra fazer alguma coisa (...) é um serviço perigoso né, sai daqui, vai mesmo é por opinião própria, porque é muito perigoso, longe da família, e é um serviço

fácil de acidentar. (Luíz, 31 anos, morador de Porteirinha, migrante temporário)

Demonstrando que muitas vezes migram sabendo das dificuldades que podem encontrar, mas saem na esperança de adquirir melhorias que não conseguiriam na cidade, como conta Luíz. Desta maneira, pretendemos compreender os conceitos relativos à identidade, espaço, migrações temporárias, território, relação rural-urbano, a partir das vivências dos porteirinhenses, seus símbolos, discursos e práticas sociais. A migração sendo um fato social total (SAYAD, 1998, p.15), vai além de um estado de mobilidade, é a mudança nos modos de vida, daqueles que saem e daqueles que ficam, por isso o esforço de compreensão das migrações temporárias é de extrema importância para a apreensão da realidade vivenciada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos estudar a migração a partir de uma observação que vai além do indivíduo. É um processo social complexo, uma rede, um emaranhado, que envolve as relações sociais, as tradições e todas as estruturas envolvidas, dentro de uma sociedade que é refletida pelo modo de produção capitalista. Atualmente se vincula a cidade uma imagem positiva, do lugar das oportunidades, isso gera uma atração, e caracteriza-se o mundo e a cultura rural como o lugar do atraso, assim muitos saem na esperança de progredir. Mas não é somente sair, viver e voltar, a pessoa passa a conviver com costumes distintos dos seus, formas de viver diferentes, que geram um impacto de realidades, uma ruptura de relações que não se refazem novamente com a volta. O que retorna já não é mais o mesmo que se foi, passa a viver em duplicidade, em ser e não ser, um estar aqui e um estar lá. A pesquisa está em desenvolvimento e tem demonstrado que a migração tem especificidades relacionadas ao ambiente onde se vive e que os modos de vida constroem a identidade, mesmo que o sujeito esteja em trânsito.

REFERÊNCIAS

OLIVEIRA, Palmyra Santos. **Porteirinha: memória histórica e genealogia**. Belo Horizonte: Editora O Lutador, 2008.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 19 de maio 2015.

SAYAD, A. **A Migração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.